



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de abertura do XX Fórum Nacional do Instituto Nacional de  
Altos Estudos – INAE**

**Rio de Janeiro – RJ, 26 de maio de 2008**

Meu caro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,  
Meu caro Ken Shimanouchi, embaixador do Japão no Brasil,  
Ministro Sérgio Rezende, da Ciência e Tecnologia,  
Ministro João Paulo Reis Velloso, superintendente-geral do Instituto  
Nacional de Altos Estudos e coordenador do XX Fórum Nacional,

Meu caro Luis Fernando Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro,  
Meu caro Jaques Wagner, governador da Bahia,  
Meu caro Eduardo Suplicy, senador da República,

Quero cumprimentar o professor Edmund Phelps, e em nome dele  
cumprimentar todos os convidados estrangeiros que estão participando deste  
XX Fórum,

Quero cumprimentar os ex-ministros aqui presentes,

Cumprimentar os empresários, os trabalhadores e a imprensa,

Quero começar, meu caro Luciano, prestando a minha solidariedade ao  
corpo de funcionários do BNDES. É bem possível, que em uma instituição do  
tamanho do BNDES, possa ter uma ou outra pessoa que cometa desvios e,  
portanto, tem que pagar o preço do desvio cometido. Mas é bem verdade  
também, que poucos países do mundo conseguiram criar uma instituição de  
financiamento tão sólida, como é o nosso querido BNDES. Eu quero dizer que,  
o centro de excelência que é o BNDES deve ser motivo de orgulho para todos  
nós, brasileiros, e deve ser motivo de orgulho para todos nós brasileiros e para  
aqueles que, não sendo brasileiros, convivem conosco na elaboração de  
projetos.



Quero, em primeiro lugar, fazer um agradecimento especial ao ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso. Ao longo das duas últimas décadas, ele soube manter vivo o debate nacional, soube alimentar e respeitar as diversidades de opiniões, sempre com a mente voltada para o bem do Brasil. Soube cultivar o respeito e a camaradagem entre espíritos diversos.

A cada ano, este Fórum debate questões relevantes e contribui, para caminhar em direção a um País ainda melhor. Desta vez, o Instituto Nacional de Altos Estudos indaga: “para onde vai o Brasil, econômica, social e politicamente?” Quero aproveitar esta oportunidade para transmitir um pouco da minha percepção, de que algo profundamente novo e transformador vem ocorrendo no mundo e no Brasil. Uma transformação que afeta a vida de cada um de nós e que tem impacto sobre as estruturas políticas e as instituições nacionais e internacionais.

Lembro que, na volta de Davos, em 2003, observei que a geografia econômica mundial estava mudando. Alguns até acharam graça, outros deram os ombros, mas eu acredito nisso e penso que a realidade está confirmando essa expectativa. Nos últimos anos, centenas de milhões de pessoas começaram a mudar de patamar social. Velhos conceitos e antigas estruturas políticas e geopolíticas estão dando lugar a fenômenos antes desconhecidos. E o que acontece, de novo, na vida econômica e na política mundial? Vários países em desenvolvimento estão crescendo a um ritmo mais vigoroso do que as economias tradicionais. Com isso, o elevador social começa a funcionar, e o mundo vem mudando bastante nos últimos anos, para melhor. Neste novo mundo, os mais pobres estão comendo o que antes não podiam comer. Pode não ser do bom e do melhor, mas, para muitos, já vai ficando no retrovisor a angústia de não ter o que comer no dia seguinte. Hoje, há mais chineses, indianos, africanos, latino-americanos comendo. Há mais brasileiros comendo também, o que é muito bom e, felizmente, não tem volta.

Alguns se assustam com esse fenômeno, o Brasil não. Temos terras



férteis, temos sol, temos água, temos tecnologia, temos força de trabalho, temos capacidade empresarial e agricultura familiar para responder a esse desafio. Volto a dizer: não estamos diante de um risco, mas de uma oportunidade, e não pretendemos desperdiçá-la. Pode estar aí o começo de um novo mundo nos trópicos, desta vez sintonizado com o mundo temperado de forma pró-ativa.

O forte crescimento econômico das nações emergentes começa a espalhar, gradativamente, o eixo da produção – e mesmo das tecnologias dos Estados Unidos e da Europa – para novas regiões do mundo, dentre as quais se encontra o Brasil. Nosso País, em particular, emerge com força e dinâmica inéditas em sua história. O atual contexto internacional é desafiador para o Brasil. No plano político, a multipolaridade vem se impondo num mundo marcado pela crescente diversidade de interesses. No plano econômico, estamos assistindo à emergência de novos mercados e ao começo do fim do crescimento global, puxado apenas pela demanda do consumidor norte-americano.

Há claros sinais de que os países em desenvolvimento, entre eles o Brasil, serão responsáveis por metade da taxa de crescimento da economia mundial em um futuro bem próximo. É inegável que o nosso Planeta ainda tem enormes desequilíbrios, mas também é inegável que o mundo todo ganha quando aqueles que se encontravam, por séculos, à beira do caminho, passam a trilhar a estrada principal. Nos últimos 20 anos, mais de 500 milhões de pessoas saíram da linha da pobreza definida pelo Banco Mundial. Elas não ficaram subitamente ricas, mas, pelo simples fato de viverem melhor, cria-se um mundo novo, as vidas cotidianas de suas famílias mudam, assim como se alteram as grandes estatísticas agregadas à renda do emprego e dos produtos internos de cada país.

Minhas amigas e meus amigos,

Entre os países que crescem mais rapidamente, apenas dois fazem



parte das dez maiores economias do mundo, e o Brasil é um deles. Nossa responsabilidade cresceu, sensivelmente, nesse novo cenário. O Brasil está fazendo a sua parte, e vamos fazer mais, vamos responder de forma pragmática e criativa ao nosso grande desafio contemporâneo: assegurar uma trajetória de crescimento sustentável para o Brasil numa economia global competitiva e aberta. Acompanho os números da economia com todo o cuidado, e me preocupo muito com os escorregões da velha ordem mundial. De tempos em tempos, bolhas especulativas se formam, estouram e teimam em atormentar a vida dos países mais pobres. Isso não é justo. É algo que não podemos aceitar. Nossos países querem respirar, crescer e amadurecer de forma a liberar o potencial criativo de suas populações. A crise que nasceu nos Estados Unidos, em intensidade poucas vezes vista desde o início do século passado, ainda pode nos afetar. De todo modo, é certo que estamos mais bem preparados para enfrentá-la, não apenas porque a nossa economia está mais sólida, mas também porque sabemos qual o caminho a ser trilhado: é o caminho do crescimento econômico com inclusão social, da criação de empregos e da distribuição de renda.

É por isso que as nações emergentes assumem um papel inédito, de lastro, nos mares revoltos de nossos dias. Com todas as dificuldades, aprendemos que uma economia dedicada a melhorar a vida dos pequenos e desamparados, não pode ser movida pela especulação financeira. E aprendemos, duramente, o valor de manter a moeda estável, de modo a garantir, sobretudo, o poder aquisitivo da renda dos mais pobres.

A crise atual mostra que, nos países ricos também há muita coisa para ser consertada, afinal, ela foi produzida pelos seus desarranjos. Não há o menor sentido, em que Estados Unidos e Europa continuem com suas políticas restritivas no campo da agricultura. Os subsídios e o protecionismo agrícola que semeiam obstáculos no caminho da Rodada de Doha são também, os principais fatores que estimulam a inflação mundial de alimentos.



Nossa expectativa é de que a Rodada de Doha, seja concluída até o final do ano. Vamos trabalhar com empenho nessa direção. Só cabe aos governantes, sobretudo, dos países ricos, darem uma chance ao livre fluxo mundial de grãos, proteínas e biocombustíveis. A barreira protecionista que se ergue em favor dos produtores das nações ricas é, na verdade, um muro inaceitável, um muro de indiferença que as nações desenvolvidas erguem para perpetuar a miséria nas nações pobres e em desenvolvimento. Da nossa parte, estamos prontos para negociar.

Participamos do G-20 para intervir articuladamente, junto a OMC, na expectativa de pôr fim às barreiras comerciais e com a mesma disposição, entendemos que o Brasil deve oferecer toda a sua contribuição para o desenvolvimento de um Mercosul e de uma comunidade Sul-americana de Nações, afinadas com a satisfação das necessidades de suas populações.

Minhas amigas e meus amigos,

Há poucos dias, na abertura da Conferência da Unasul, observei que a América do Sul afirma a sua presença no plano internacional, renova a confiança em si mesma e na capacidade de seus povos construir um destino comum de desenvolvimento, justiça social, democracia e paz. Nossa região torna-se um interlocutor cada vez mais indispensável, à medida em que o mundo se vê diante de necessidades de compatibilizar segurança alimentar, suprimento energético adequado e preservação do meio ambiente.

Quando o descaso entre a oferta e a demanda mundial de combustíveis fósseis dá origem à disparada de preços, forçando igualmente a inflação, mas esse desequilíbrio pode e deve ser progressivamente superado pelo uso de biocombustíveis e outras fontes alternativas de energia. O Brasil oferece ao mundo o etanol. Mostramos a todos a alta eficiência em custo e produtividade do etanol da cana, frente a outras formas atualmente disponíveis de etanol.

Não é correto afirmar que vamos prejudicar o cultivo de alimentos. Não é o caso do Brasil. Nós vamos convencer o mundo de que o etanol pode ajudar



bastante, a diminuir a crise energética, a poluição e também a inflação. Nós temos certeza de que o mundo pode e deve assinar um pacto global, pelo uso de fontes alternativas de energia. Todos estão chamados a adotar medidas para reduzir a emissão de dióxido de carbono, pela utilização mais intensa de técnicas de conservação e também pela adoção das energias renováveis, das bioenergias e dos biocombustíveis. Para o Brasil aproveitar essa extraordinária oportunidade, é preciso enfrentar preconceitos arraigados e *lobbies* poderosíssimos nos países desenvolvidos. Eles só serão vencidos com intenso debate público.

O Brasil não teme esse debate, ao contrário, deseja travá-lo com seriedade, confia nos seus argumentos e não se assusta com campanhas orquestradas. Por isso mesmo, na semana que vem, estarei em Roma, na Conferência da FAO sobre segurança alimentar, mudanças climáticas e bioenergia, para defender nosso ponto de vista e para falar sobre nossa experiência vitoriosa na produção simultânea de alimentos e etanol.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil vem fazendo o que deve ser feito com seriedade. Crescemos 5,4% no ano passado e neste momento, nossa economia cresce a um ritmo de 5% ao ano. Podemos sofrer algumas consequências da crise internacional, mas estou certo, estou convencido de que agora trilhamos um caminho sustentável. Somos um dos raros países do mundo, que consegue diminuir a pobreza e ao mesmo tempo as desigualdades. É o que nos diferencia do passado, quando apenas crescíamos. Hoje, há mobilidade de renda no Brasil, há crédito facilitado, há inclusão de milhões de pessoas que foram deixadas à beira da estrada por décadas e décadas.

Sabemos que muitas vezes o debate sobre o rumo da economia vem na sua forma mais simplificadora, contábil, como se os números do nosso Orçamento pudessem ser modificados sem atingir a vida das pessoas. O zelo pelas finanças públicas é essencial para a construção de um País digno, mas



só podemos tratar bem da economia, se nossos olhos e ouvidos estiverem abertos para a superação das dificuldades da nossa população. O forte compromisso com a repartição dos frutos da economia para todos, sobretudo, para os mais pobres, é um traço essencialmente novo no Brasil, neste mundo que se desenha. Repetiram à exaustão, que nossa política econômica era apenas uma continuidade de políticas anteriores. Insistiram que é tudo uma questão de sorte ante a bonança internacional.

Eu não costumo ficar brigando com os fatos. Tenho por hábito manter as coisas boas e procurar introduzir outras ainda melhores e a melhor delas, em nossa economia, foi, é e continuará sendo, o cuidado com as pessoas e com a distribuição de renda, pois acredito, piamente, que não há economia sustentável, sem que haja uma forte inclusão social.

Meus amigos e minhas amigas,

Não basta falar que o bom momento da economia mundial nos ajudou. Ótimo que tenha sido assim e que tenhamos sorte, mas apenas sorte não teria sido suficiente para nos colocar onde estamos hoje. A sorte, como se sabe, ajuda quem trabalha seriamente e os brasileiros e as brasileiras trabalham muito. Disse no passado e repito com ênfase: não vale a pena governar se não for para reduzir a pobreza e as desigualdades. É assim que meu governo toma conta da economia, é essa a bússola que me orienta a tomar todas as minhas decisões. Construir um País, não é tarefa apenas do governo, muito menos de um único governo. É esforço coletivo que demanda tempo para maturar e envolve os outros poderes constituídos e as demais forças vivas da sociedade.

Tenho reiterado que os principais projetos do País devem ser abraçados por todos, independentemente de divergências de momento. A política de desenvolvimento produtivo, lançada neste mesmo auditório, com muitos de vocês presentes, pretende selar um compromisso entre o setor público e o setor privado, entre o governo e os trabalhadores, os empresários, os cientistas, enfim, entre todos os segmentos do povo brasileiro. O governo



apresentou e já está executando o PAC, de modo a acelerar nosso crescimento e corrigir rapidamente os graves problemas de infra-estrutura. Aos investimentos do PAC agregamos, ainda, esforços renovados em melhoria da educação, e impulso à inovação tecnológica nas empresas e em nosso sistema de educação superior. Este tripé – crescimento, educação e tecnologia – dará sustentabilidade à geração de empregos, à superação da pobreza e à diminuição das desigualdades.

O governo também enviou ao Congresso Nacional o projeto de emenda constitucional da Reforma Tributária, e firmou sua intenção de vê-la aprovada ainda este ano. Cabe agora aos congressistas, aos governadores, aos prefeitos e aos agentes econômicos e sociais fazerem a sua parte e mudarem a rotina do calendário em ano eleitoral. Já é visível a melhoria do ambiente de negócios proporcionada pelas inúmeras mudanças na legislação, entre as quais destaco a Lei de Falências e a das Sociedades Anônimas, bem como a do Seguro de Créditos e a da Construção Civil. Confio no Congresso Nacional para completar as principais modificações que ainda estão pendentes, como por exemplo, a Lei das Licitações e do novo Sistema Brasileiro de Defesa da Concorrência.

Minhas amigas e meus amigos,

Temos um país que cresce, que diminui a pobreza e a desigualdade. Temos prioridades e, mais do que isso, temos instituições democráticas consolidadas. No Brasil, a regra do jogo não muda mais de um momento para o outro, e a previsibilidade é uma constante para os agentes econômicos e sociais. Portanto, a base para que nós tenhamos uma evolução, está dada. Em nossa economia, temos empresas de excelência, de pequeno, médio e grande porte, que competem fora do Brasil e ganham mercados muito exigentes. Nosso País tem também uma enorme vantagem em recursos naturais. Estão aí as recentes descobertas de petróleo e gás no pré-sal, que comprovam esta nossa afirmação. Dispomos também de uma rica diversidade de pesquisas





científicas e tecnológicas. São elas que impulsionam nossas melhores empresas e nos dão competitividade em diversos setores. Temos uma grande riqueza em software e tecnologia da informação, o que nos possibilita dispor, entre os países emergentes, da melhor experiência em termos de governo eletrônico, sistema eleitoral e sistema de pagamento. Acima de tudo, o País tem trabalhadores cada vez mais qualificados e prontos para novos aprendizados. Vejo, com satisfação, que o emprego formal está crescendo fortemente no País, num sinal de que os avanços da economia estão se consolidando e as oportunidades crescendo.

Meus amigos e minhas amigas,

Essa é a base que nos deixa orgulhosos no Brasil. Temos, ao mesmo tempo, sérios desafios em educação, saúde e segurança pública. Reconhecemos que nem sempre conseguimos nos adiantar e tratar adequadamente de todos os problemas. Ainda assim, estamos convencidos de que um novo capítulo foi aberto no Brasil, afinado com o momento vivido por outros países emergentes, com a vantagem de que nosso País tem um sistema democrático consolidado e está marcado por um forte sentimento de unidade nacional. Sabemos combinar diversidade com harmonia cultural, religiosa e étnica. Meu compromisso permanente é com o fortalecimento das instituições democráticas.

Meus caros companheiros da mesa, amigos, convidados,

Insisto que nenhuma nação do mundo conseguiu se desenvolver de forma vigorosa sem acreditar nas suas próprias forças, sem despertar suas energias adormecidas, sem ser estimulada pela esperança de um mundo melhor. Nesse aspecto tão crucial, constato com alegria que o País deu uma virada nos últimos anos. Conquistamos algo que não se mede em números, mas é decisivo para retomarmos o caminho do desenvolvimento: o País voltou a acreditar em si mesmo. Sabemos que temos muito a fazer, mas sabemos também que estamos no rumo certo. Aprendemos que uma boa combinação



de políticas econômicas e sociais forma a base da superação de nossa pobreza secular e de nossa desigualdade entre classes sociais e regiões. Temos a certeza de que podemos avançar mais na construção de um Brasil ainda mais justo, e também na construção de um mundo melhor.

Minhas amigas e meus amigos,

Quando o ministro João Paulo dos Reis Velloso me convidou para vir aqui, eu, que já vi tantos companheiros do meu governo – e antes de ser governo, do meu Partido – virem a este debate, sempre imaginei que fosse apenas uma coisa de economistas, e economistas são figuras importantes nas discussões sobre o rumo de um país. Tem economistas que acertam – temos até o Prêmio Nobel da Economia no nosso meio –, mas também tem economistas que erram. Eu fico imaginando, ministro João Paulo dos Reis Velloso, se nós resolvêssemos fazer um levantamento de tudo o que foi dito sobre a economia brasileira nos últimos anos, iríamos perceber que a maioria dos economistas que faz análise econômica errou, e errou muito sobre as avaliações. Eu não sei porquê, mas todas as vezes que há uma análise sobre os acertos da economia do País – que não são mérito do meu governo, mas eu acho que são mérito do povo brasileiro –, mesmo quando falam bem, inventam um “porém”, um “entretanto”, um “mas”, para tentar criar uma explicação. Por que é tão complicado reconhecer que as coisas estão dando certo no nosso País? E é bom que dêem certo, é bom que os empresários ganhem mais, é bom que as empresas cresçam, é bom que os trabalhadores reivindiquem mais, é bom que os trabalhadores façam greve quando precisarem fazer greve e é bom que todos nós tenhamos consciência de que estamos no mesmo barco e que se ele afundar, poucos se salvarão ou quase ninguém vai se salvar.

O momento que o Brasil está vivendo, eu penso que é o momento que muitos sonharam e muitos trabalharam. Os empresários que acreditaram na economia brasileira e fizeram investimentos, os empresários que não tiveram



medo do Lula e não fugiram para Miami, os empresários, que antes de qualquer coisa, antes de qualquer governo e antes de qualquer partido, são brasileiros e por isso, confiam neste País, que já fez dezenas e dezenas de experiências.

Quantas vezes, eu como dirigente sindical, acordava com notícias nos jornais como se o Brasil tivesse chegado ao paraíso e quantas vezes, no dia seguinte, eu acordei com o fracasso, porque em política econômica não tem mágica. Administrar o governo não é tão simples como administrar uma empresa, porque os componentes políticos que fazem parte da governança de um governo, são infinitamente mais complicados do que a relação do dono de uma empresa com os seus subordinados. E nós, com a graça de Deus, encontramos um jeito de fazer com que as coisas funcionassem como se estivéssemos regendo uma orquestra, que ainda precisa de ajustes, quem sabe contratar novos músicos, quem sabe melhorar a partitura, mas o dado concreto é que os ouvidos do povo, que antes eram chamados de ouvidos “mocos”, porque os governos não davam atenção ao povo, já estão sentindo a beleza dessa sinfonia chamada Brasil. Já estão sentindo que o Brasil encontrou o seu caminho, já estão sentindo que muitas vezes nós temos brigas descabidas.

Eu vi, agora há pouco, no final do ano passado – ministro João Paulo Reis Velloso, companheiros governadores – a guerra que foi feita para diminuir a CPMF e tiraram do Orçamento do governo, 40 bilhões de dólares por ano. E quem perdeu com isso foi o PAC da Saúde, que nós já tínhamos lançado. Agora, é engraçado e me desculpem os companheiros, com o maior carinho, eu não vi nenhum produto reduzir de preço depois que acabou a CPMF. Me parece que não foi passado para o custo do produto os 0,38%. Parece que aumentou apenas nos ganhos daqueles que pagavam CPMF, porque muita gente ainda teima em acreditar que o Estado tem que ser fraco. O Estado fraco não governa, o Estado fraco não revolve os problemas. É diferente um Estado



não se meter a ser administrador daquilo que a iniciativa privada faz e o Estado deixar de cumprir com as suas obrigações de atender, sobretudo, a justeza das regras do jogo e governar pensando em ajudar a parte mais pobre da população, porque no fundo, no fundo, são esses que precisam do governo.

Certamente o Júlio Lopes não precisa do Estado brasileiro, certamente o governador Sérgio Cabral também não, certamente o ministro João Paulo Reis Velloso também não, pelo contrário, eles são contribuintes fortes – com o pouco salário que ganham – do Imposto de Renda. Mas a verdade é que tem milhões e milhões de almas, homens, mulheres e crianças, que se não tiverem, o Estado brasileiro colocando o seu dedo e fazendo a política voltada para eles, eles não estão organizados para reclamar, eles não vão à Brasília, eles não têm *lobby*, eles não têm sindicato, eles não têm nenhuma organização e é para esses que o Estado precisa olhar, porque os outros olham para o Estado.

Vir a este Seminário, meu caro João Paulo Reis Velloso, no momento em que ele completa 20 anos de idade, me dá a oportunidade de dizer algumas coisas que muitas vezes um Presidente não pode dizer, porque um Presidente tem que ser muito cauteloso. Falar de CPMF aqui, certamente eu arrumei algum adversário, mas eu fiquei acompanhando o que aconteceu nesse final de semana. Nós criamos a União Sul-Americana de Nações, e quando eu reparo o que a imprensa brasileira retratou, sobretudo, a imprensa escrita, eu vi um fracasso, quando na verdade, para quem já foi governo e faz política na América do Sul, sabe que o que nós conseguimos fazer, na sexta-feira, foi algo de uma dimensão tão incomensurável, que nem os mais dedicados cientistas políticos acreditavam que pudesse ser feito. Nós fizemos. Falta fazer muito ainda, porque nós trabalhamos, aqui na América do Sul, com a possibilidade de que as novas gerações – já não acredito mais para o meu governo – possam criar uma moeda única, possam criar um banco central. Isso parece impossível como parecia impossível, depois da 2ª Guerra Mundial, ser a França e a Alemanha, os países que articularam a unidade da União Européia. Nada é



impossível quando se pensa grande, nada é impossível quando nós estamos despojados de preconceitos, nada é impossível quando as coisas que nós queremos fazer são feitas em benefício da maioria e não da minoria.

Queria dizer a vocês que temos um grande embate pela frente: é o embate dos biocombustíveis, da energia renovável. O Brasil estará realizando, nos dias 20 e 21 de novembro, em São Paulo, um grande evento internacional, para o qual eu já quero convidar todos os especialistas, para a gente debater com o mundo, em qualquer lugar do território ou do Planeta, a questão dos alimentos, a questão da inflação e, sobretudo, a questão da nova matriz energética que precisa despoluir um planeta tão poluído. É muito engraçado que os países responsáveis por 70% da poluição do Planeta, agora ficam de olho na Amazônia da América do Sul, como se fosse apenas nossa a responsabilidade de fazer o que eles não fizeram durante todo o século passado.

Eu queria aproveitar para dizer que o mundo precisa entender que a Amazônia brasileira tem dono e que o dono da Amazônia é o povo brasileiro, são os índios, os seringueiros, os pescadores, mas também somos nós, que somos brasileiros, e que temos consciência de que é preciso diminuir o desmatamento, é preciso diminuir as queimadas. Mas também temos consciência de que precisamos desenvolver a Amazônia, afinal de contas, lá moram quase 25 milhões de habitantes que querem ter acesso aos bens que nós temos no Rio de Janeiro, em São Paulo ou em qualquer outro lugar. Por que essas pessoas têm que ficar segregadas? Eu penso que esse será o debate das próximas duas décadas. O Protocolo de Quioto já faliu. Foi muito bonito assinar, maravilhoso, todo mundo assinou, agora, quem tinha que tomar medidas para cumprir o Protocolo de Quioto, nem referendou. Fomos nós que referendamos, e somos nós, com a utilização de 100% de etanol, que reduzimos ou tiramos do ar 800 milhões de toneladas de CO<sup>2</sup>. Somos nós, com o etanol e com o biodiesel, que estamos oferecendo ao mundo a certeza de



que é possível construir um combustível não-poluinte, e que poderemos avançar na construção de um etanol de segunda, de terceira geração. Temos cientistas para isso, afinal de contas, lançamos o PAC da Ciência e Tecnologia, e foram 41 bilhões, entre privados e públicos, até 2010.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu acho que não depende mais do governo, não depende mais da boa vontade do ministro João Paulo dos Reis Velloso, do governador Jacques Wagner ou do governador Sérgio Cabral. No Brasil, a coisa mais simplista do mundo é a gente transferir responsabilidade para os outros. A questão da inflação não é uma coisa apenas do governo. Eu jamais iria pedir para alguém ser fiscal de inflação. Mas a verdade é que todos nós temos um pouco de responsabilidade. Sabemos onde ela está, sabemos como ela vem e, portanto, a responsabilidade é de todos nós para a inflação não voltar mais, porque quem perde com isso são os pobres deste País. E se nós quisermos construir um mundo verdadeiramente mais justo, com menos bandidos, com menos crime organizado, com menos drogas, com menos violência, não tem saída, colocando mais policiais nas ruas. A saída é a presença do Estado, oferecendo oportunidades, oferecendo cultura, oferecendo lazer, oferecendo empregos, oferecendo renda, oferecendo saúde, oferecendo educação, como estamos fazendo agora, no Complexo do Alemão, em Manguinhos. Estamos fazendo porque acreditamos que na medida em que o Estado esteve, durante décadas, ausente, esse Estado passa a ser vítima das suas próprias políticas.

Um dia, aqui, junto com o Sérgio Cabral, eu ouvi uma pessoa muito importante do Rio de Janeiro, hoje senador, o Dornelles. O Dornelles, que já esteve em cargos muitos importantes da esfera federal, quando foi candidato ao Senado, depois das eleições, me disse o seguinte: "Presidente Lula, eu tenho a idade que tenho, já ocupei todos os cargos que ocupei, e somente na minha campanha para o Senado é que me dei conta de que, a poucos metros do meu nariz, estavam os grandes problemas do Rio de Janeiro, que eu



achava que estavam tão distantes, que eram tão distantes de mim. Eles estavam ali, no meu calcanhar”. Se todos nós fizéssemos essa descoberta, meu caro Sérgio Cabral, certamente a vida nas grandes regiões metropolitanas deste País iria melhorar. Eu tenho consciência de que o PAC é a grande revolução na área de urbanização de favelas, e para tentar consertar... Eu não chamo de fazer o novo, mas falo de reparação. O que nós estamos fazendo, atacando as favelas do Brasil, é uma reparação da irresponsabilidade administrativa que tomou conta deste País nos últimos 50 anos. Eu acho que isso só pode ser feito se nós estivermos acreditando no Brasil, se estivermos acreditando em nós, e se pararmos de olhar o chamado mundo desenvolvido, onde as coisas já estão mais ou menos boas.

Cada vez que discuto com um companheiro europeu... Eu acho fantástico cada vez que eu chego à Suécia, à Suíça, à Finlândia, à Dinamarca, nesses países desenvolvidos, o país parece a casa de um recém-casado que voltou de lua-de-mel: está tudo no lugar, não tem nada fora do lugar. O Brasil é uma casa de um casal que já tem dez filhos, que brigam entre si, que se chutam e que está tudo fora do lugar. O que nós estamos tentando é consertar, dar um rumo e despertar na cabeça de cada criança, de cada adolescente deste País... E são 4 milhões e meio, de 15 a 29 anos, que já desistiram da escola. Nós estamos tentando dizer para eles: “É muito melhor ser bom, é muito melhor ser justo, é muito melhor ter esperança, é muito melhor acreditar que a tua vida vai mudar, a partir de amanhã, para melhor. Ao invés de um revólver, pegue um caderno; ao invés de usar droga, vá para uma sala de aula”. Essa não é uma tarefa fácil e, por favor, não debitem isso nas minhas costas, porque esse é um problema secular e eu tenho apenas seis anos de governo, o Sérgio tem apenas três anos. Debitemos nas costas de todos nós, que vai ficar muito mais fácil, todos nós juntos, encontrarmos uma solução definitiva, para que este País, concomitantemente com o crescimento econômico e concomitantemente com a repartição de renda, se transforme em



**Presidência da República**  
**Secretaria de Imprensa**  
**Discurso do Presidente da República**

---

um País, onde seus filhos tenham motivo e razão de sobra, para levantar todo dia dizendo: “eu sou brasileiro e não desisto nunca, eu amo o meu País”.

Muito obrigado e boa sorte ao Seminário.

(\$211A)